

Matizes jesuítas: O perfil do clero nativo japonês¹

Maria de Deus Manso
Lúcio de Sousa

Maria de Deus Beites Manso
NICPRI/Universidade de Évora

Lúcio de Sousa
Pós-doc FCT; NICPRI/Universidade de Évora

RESUMO:

A dissonância existente entre os regulamentos internos da Companhia de Jesus no Japão, os quais fomentavam um método de missionação assente no *acomodatio*; e a sua aplicação prática, a qual primava pela apologia dos valores europeus em detrimento dos valores japoneses, foi uma constante durante a presença da Companhia em terras do Sol-Nascente. Esta política de discriminação predomina de forma consciente e originaria inúmeros conflitos internos na Companhia de Jesus entre japoneses e europeus. No presente artigo pretende-se analisar o impacto da missão jesuíta no Japão no que concerne à formação de uma cultura mista, tendo por base escritos sobre as exigências impostas a todos os japoneses que quisessem ingressar na Ordem.

PALAVRAS-CHAVE:

Japão; Companhia de Jesus; missão; acomodação; miscigenação.

Da (re)descoberta à conquista

Tzvetan Todorov escreveu que “Cortez compreende relativamente bem o mundo asteca que se descobre diante de seus olhos, certamente melhor do que Montezuma compreende as realidades espanholas. E, contudo, essa compreensão superior não impede os conquistadores de destruir a civilização e a sociedade mexicanas; muito pelo contrário, tem-se a impressão de que é justamente graças a ela que a destruição se torna possível” (TODOROV 2003: 183). Este entendimento pode ser extensivo a quaisquer civilizações que entraram em diálogo ao longo dos tempos. Da curiosidade que movimenta, ao espreitarem o que vêm, como leem, e o que valorizam ou depreciam podem confluir no confronto. Ao tatearem-se as novidades agitam-se interesses que passam pela apropriação mútua no seu sentido lato, que pode levar à submissão do outro mas, certamente, se cria ou recria uma nova dinâmica, ocasionando novos olhares e relacionamentos que impelem à criação de uma cultura mista, em muitas circunstâncias passa pela demolição e inferiorização de determinados valores/procedimentos civilizacionais. O eurocentrismo e as premissas que, previamente possuíam não condiziam com o que “sabiam” e enxergavam. Isto é, a lenda e a verdade amalgamavam-se.

Oficialmente, os primeiros portugueses chegaram ao Japão entre o ano de 1542 e 1543. O autor Fernão Mendes Pinto afirma ter sido o primeiro (PINTO 1962). Segundo António Galvão, no livro *Tratado dos Descobrimentos*, os primeiros lusos a chegarem seriam António Peixoto, António da Mota e Francisco Zeimoto e não Fernão Mendes Pinto (GALVÃO 1731: 94). É, na realidade António Galvão quem faz a ligação entre Cipango e Japão quando escreveu: “Virão huma Ilha em trinta e dous graos, a que chamão os Japoens, que parecem ser aquellas de que tanto fallão as Escrituras” (GALVÃO 1731: 95). Nos anos seguintes, o Japão foi visitado por inúmeros europeus que aí procuravam viver, comerciar e evangelizar. Mas seria esta a terra prometida do *Il Milione* (POLO e RUGGIERI 1986)? Se este era o Japão de Marco Polo, então, o século XVI confirmou a sua existência. Mas, a (re)descoberta geográfica não correspondeu em igual forma à informação sobre as suas gentes. O gosto instintivo que sempre houve em escrever e ao mesmo tempo adjectivar o que se ouvia e ou experienciava conduziu à construção de narrativas que nos legam pegadas interessantes para análise das sociedades observadas. Para este estudo utilizamos principalmente o *Tratado* do Padre Mateus de Couros, Reitor do Seminário de Arima, de 25 de Fevereiro de 1612². Embora se trate de um texto do século XVII, ainda continua a envolver admiração e reprovação por determinados hábitos culturais. Isto é, os valores ocidentais ainda se sobrepõem aos do outro.

A chegada dos *Nanbanbōzu*³ (南蛮坊主) ao Japão desvenda o primeiro capítulo das relações entre a Europa e o Extremo-Oriente. Os jesuítas abriram um programa de conversão dos japoneses ao Cristianismo. É com este intuito que procuraram convencer pacificamente importantes senhores feudais locais, os dáimios, a aceitar a nova religião. No entanto as conversões dos seus vassallos não deixavam de ser recorrentemente acompanhadas por violência física e pressão moral. Dois destes dáimios⁴, emolados nas cartas jesuíticas, Don Bartolomeu Vômura Sumitada⁵ (ドン・バルトロメウ大村純忠) e Arima Harunobu (有馬晴信), ao converterem-se ao Cristianismo ordenariam aos seus feudatários o mesmo procedimento e aos seus *bonzos*⁶, inimigos declarados dos padres, que se tornassem cristãos, casassem ou abandonassem os seus domínios, enquanto os seus templos eram destruídos e os materiais e terras eram aproveitados para a construção das igrejas cristãs (JENNES 1973: 35).

Desde o início dos contactos entre religiosos europeus e o Japão ficou claro o diminuto contingente europeu e a necessidade de um maior número de efectivos para a sua conversão. Após a década de oitenta do século XVI, Alessandro Valignano enfrentou o mesmo problema: a escassez de eclesiásticos para poderem acompanhar adequadamente os novos cristãos de forma a evitarem que estes regressassem às suas anteriores crenças; ou que desvirtuassem – mistura entre duas religiões – o rito cristão.

Alessandro Valignano, apercebendo-se da hostilidade para com as missões jesuítas no Japão⁷ e procura encontrar uma solução duradoura através de um plano de evangelização cuidadosamente elaborado a partir da experiência pessoal dos principais padres europeus. É neste intuito que, a partir do ano de 1580, é organizada uma *Consulta*, primeiramente em *Bungo* [豊後国] e posteriormente em *Meaco* [都]⁸ e *Ximo* [下], reunindo-se com todos os padres europeus, a fim de aferirem sobre os procedimentos locais.

Globalmente a documentação inaciana raramente nos fala do outro como um ser semelhante. Esta atitude, em parte, resulta dos entendimentos que se foram construindo ao longo dos tempos a seu respeito. Na Europa falava-se em outras gentes, um misto: homem e animal. À medida que o conhecimento se desenvolve a respeito das diferentes culturas esvaem-se determinados preconceitos, no entanto, a questão da religião continuava pertinente, ou seja, o Homem só se salvava se se convertesse ao Cristianismo e adotasse a ocidentalização. Queriam criar um “Homem Novo”. Tal propósito não foi inteiramente exequível, daí que em ocasionadas situações o outro fosse visto como inferior e claramente rejeitado pelas práticas

ancestrais. Os jesuítas ligados ao sentido de um “Homem Novo” vão esmiuçar a cultura que os envolve, a fim de a rebaterem e imporem a cultura ocidental.

A doutrinação do Japão não foi simples. Os usos europeus, identicamente, eram desvalorizados por estas sociedades. Também o europeu era reputado como um indivíduo menor. Por isso, houve necessidade de buscar modelos de aproximação. A Companhia de Jesus passou, por exemplo, a usar a acomodação. Assim, nasceu uma oportunidade para o prolongamento do diálogo. A acomodação não foi feita pelo apreço que os missionários tinham à cultura nipónica, mas por indispensabilidade, por sobrevivência. Logo, as cedências ora tentavam anular/enfraquecer os princípios japoneses ora os missionários se encapotavam entre uma aparente miscigenação nipónica e cristã.

Admissão de japoneses na Companhia de Jesus

Devido à falta de missionários no Japão, uma das questões fundamentais em torno da primeira *Consulta* iniciada em 1580 era se os japoneses deveriam entrar na Companhia de Jesus ou não. O então Padre Geral Everardo Mercuriano expressa a sua vontade para que fosse permitida a entrada de japoneses no noviciado, de modo a que, uma vez ordenados sacerdotes, cooperassem para a conversão (transformação) do Japão:

“y porque de las informaciones que de alla vinieron, entendemos que los Japones tienen qualidades accõmodadas a nuestro instituto y ala necesidad de aquella tierra, podra V. R. cõmunicar con la moderacion que le pareciere facultad al Vice provincial del Iapon para los poder recibir en la Companhia procurando que sean bien criados en el Noviciado para que despues puedan servir para la conversion de aquella gentilidad. 2º extract. n.º 28. A repuesta de la congregation de que N. P. aqui faz mencion ha ia 45. de la Congregacion de la India que se hizo en Goa en Dezembro de 1575”⁹.

Porém, o que convirá perguntar, é se em território japonês os padres europeus estariam em condições de aplicar uma escolha. Por distintas circunstâncias, os jesuítas aceitaram por unanimidade receber japoneses na Ordem. O primeiro fundamento anotado sustentava que a existência de sacerdotes autóctones facilitaria a conversão do Japão. Com efeito, o facto de dominarem a língua natural constituía um factor não despreciando, além de que podiam ensinar e escrever livros em japonês, prerrogativas que não estavam ao alcance de qualquer padre. A segunda

razão consistia no facto de os japoneses serem “brancos” e de “engenho capaz para as letras”¹⁰; devidamente fortificados na fé e instruídos na doutrina cristã e respectivas virtudes tornar-se-iam religiosos “semelhantes” aos europeus, deixando de ser tidos como populações inferiores e, por isso, deveriam ser recebidos na Companhia para serem instruídos com toda a diligência no noviciado, e educados segundo as suas regras¹¹. Após o noviciado, aqueles que tivessem capacidade para estudar progrediriam na sua aprendizagem e os mais aptos seriam ordenados sacerdotes¹². A terceira razão prende-se com a grande dimensão do Japão, daí resultar a indispensabilidade de um maior contingente de padres para colmatar o défice permanente de eclesiásticos no Extremo-Oriente.

A diferença de hábitos também constituiu uma forte variável a ter em conta. Outra convicção geral consistiu em que, para a implantação da Igreja Católica Romana no Japão, era essencial haver um clero japonês, para serem reconhecidos entre os japoneses. Paralelamente, os jesuítas viam na formação de um clero japonês a solução para as dificuldades económicas com que se debatia a missão. Dessa forma, o Cristianismo poderia ser financiado por japoneses e a Igreja não seria vista como “suspeitosa e estrangeira”, características problemáticas de reconhecer pelas gentes locais.

Civilidade, compleição física, inconstância

A principal clivagem entre a cultura ocidental e japonesa foi a educação. Os padres europeus claramente reprovavam a forma como a educação dos jovens era feita, dado que os progenitores não repreendiam os filhos nem os contrariavam¹³. Por este fundamento consideravam que os japoneses eram indisciplinados e inaptos para prosseguirem vida religiosa, para a qual era exigida uma grande disciplina e espírito de sacrifício. Analogamente, entendiam que a educação da elite japonesa era feita nos templos dos “bonzos japoneses, em que os mininos nobres gentios se crião, e aprendem sua letra, e as cortezas politicas, são as varelas dos Bonzos, aonde cometem gravissimas abominações”¹⁴.

A dieta alimentar também os colocava num plano inferior¹⁵. Os inacianos consideravam tratar-se das dietas mais ligeiras de todas as nações conhecidas, sendo a causa para que não existisse no Japão a robustez necessária para o exigente trabalho de evangelização já que os japoneses adoeciam frequentemente e, por isso, ingeriam muitos remédios:

“Tem os Japões a víbora por grande remedio para certas doenças. Jndo huã vez a folgar os Mininos do seminario a hum lugar de recreação alguns delles acharão e matarão huã, e logo ahi a esfollarão e assi crua em talhadas a comerão estandolhe ainda palpitando entre os dentes. E da mesma maneira comem quaisquer outras immundicies por nojentas que seião se sabem que tem alguã virtude medicinal”¹⁶.

Para além da parca energia física¹⁷, também apensam a inconstância da sociedade japonesa¹⁸. O seu carácter era descrito com alterações radicais de humor os quais “a cada passo se mudão de tristes em alegres, e de alegres em tristes, o que faz aos criados andar com huã continua pena de ver se o Senhor está de boa graça, e sembrante com eles”¹⁹. À infixidez na disposição associava-se a falta de perseverança e sempre que defrontavam algum obstáculo perdiam o ânimo para persistir, “donde naçe que raro he a fortaleza que em Japão sofre dous meses de cerco sem se render”²⁰. Outros dos reparos prendiam-se com a vida social: “dados a boa vida, e a comer, beber, e convites, e inimigos de tudo o que lhes pode causar molestia, e de ordinario muito preguiçosos”²¹.

A falha na perseverança revelava-se igualmente na prática da religião cristã. Aqui, não será, apenas, uma questão natural mas, também, se deve ao modo como a doutrinação era feita. Sendo a sua catequização efetuada de uma forma muito superficial, levou a que muitos Japoneses retornassem espontaneamente às antigas crenças:

“Esta mesma inconstância mostrão em receber, e deixar nossa Santa Ley: de sorte que creyo, polla experiênciã que tenho de perto de 22 anos que ca estou, que dos que se fizerão cristãos já adultos, mais são os que arrenegarão que os que perseverarão na Fee. Só no reyno de Fingo de trinta mil cristãos que ali avia em tempo de August.º Terenocami [?] duvido se agora avera mil que o seião”²².

A prática do matrimónio, o adultério e o concubinato conduziram, igualmente, a desentendimentos. Relativamente ao matrimónio conforme a ótica ocidental, após contraído não poderia ser dissolvido, o que não acontecia no Japão, onde era comum o marido abandonar a mulher²³. Quanto ao adultério, a Companhia de Jesus criticava abertamente o seu costume no Japão por vezes imprudentemente. O concubinato nos séculos XVI e XVII, à semelhança do que ocorria na Europa, era também praticado no Japão, não sendo considerado um acto condenável. Estes três fatores chocavam com as directrizes religiosas dos padres europeus pós-Concílio de Trento, os quais tentavam moralizar e corrigir as práticas em todos os espaços de ação, mesmo sendo mais desfavoráveis a estas “reformas morais”.

Crueldade e sodomia

Outro dos aspetos de enfado prendia-se predominantemente com a atitude belicista e a facilidade com que matavam o seu semelhante:

“Não he esta nação inferior ao passado o veio da crueldade: a qual he nos japões tão notavel, que se pode duvidar se ha gente que nisto os iguale, porque com o leite mamão hum entranhavel appetite de derramar sangue humano. E huã das mayores recreações que ha pera elles he matar ou ver matar homens, e por isso senão estranha o ser Algoz antes he custume ate os proprios Daymios, que são os principais senhores de Japão, matarem muitas vezes per sua própria mão os delinquentes, fazendoos em postas pera provar o fio das catanas”²⁴.

Tais princípios eram antagónicos ao conceito de piedade, compaixão e misericórdia cristã. São inúmeros os exemplos desta fereza variando do particular para o geral, desde a elite dirigente até aos incógnitos camponeses. Não é portanto de estranhar termos relatos de Jesuítas referindo-se a Fucuzimadono, sobrinho de Hideyoshi [豊臣秀吉], e ao facto deste relatar directamente a um membro da Companhia já ter morto mil homens e antes de morrer esperar duplicar este número²⁵. Referenciam-se soldados incógnitos e a impunidade por eles gozada relativamente à morte dos seus criados. Contam-se pormenores de soldados ao saberem que um criado de outro soldado foi morto, pedirem pedaços do seu corpo para os cortarem e assim verificarem a agudeza do gume das catanas, ou o exemplo de enviarem um criminoso para casa de um amigo, como presente, para que testasse nele a qualidade do fio da espada²⁶. Se algumas descrições são referências a relatos de terceiros, outras são descritas na primeira pessoa, e concerteza impressionariam os padres europeus, habituados a outro tipo de atitude perante os pobres²⁷. A indiferença perante a morte conforme relatos jesuíticos abrangia inclusivé elementos do núcleo familiar de nobres japonesas, os quais eram capazes de sacrificar os próprios pais, filhos, ou parentes próximos²⁸.

O aborto era um tema muito destacado. Este costume acabaria por ser manipulado em prol do projeto evangelizador de Valignano, com o objectivo de colmatar e reforçar as hostes deficitárias de padres, o qual é habilmente aproveitado pelos eclesiásticos europeus:

“Cuanto a lo tercero de recibir los niños que suelen matar las madres, parece que seria cosa muy buena, porque allende de salvar muchas almas y evitar muchos

pecados tendría con el tiempo la Iglesia mucha gente de servicio, porque habría de ser en esta obligación: que alo menos hasta los treinta años quedarían obligados a servir a la Iglesia, y lo mismo se podría hacer de las niñas dándolas a algunas cristianas jponas con esta obligación de las servir hasta los treinta años” (VALIGNANO I, 1954: XXX, 343-344).

Esta ideia materializa-se na *Historia de Japam* de Luís Fróis, onde o autor refere a utilização de crianças que, abandonadas à sua sorte, são recolhidas pelos membros da Companhia, as quais serão instruídas na pregação evangélica, transformando-se em instrumentos fundamentais de propagação da fé católica em território japonês:

“E porque em Nangazaquí são todos christãos, os filhos se vão multiplicando com estranha differença dos outros lugares dos gentios, porque os não matão; e muitos destes vem a ser dogicos dos Padres que andão na conversão, outros entrão nos seminários e os que Deus N. Senhor tem recolhidos são de poes admitidos na Companhia. E como são criados fora da disciplina venenoza dos bonzos, pela boa disposição que tem e partes naturaes, se vão fazendo aptos instrumentos para ajudarem aos padres nos ministérios da pregação evangelica” (FRÓIS IV, 1983: 6).

O mesmo autor tece duras críticas a esta prática recorrente na sociedade japonesa quinhentista e seiscentista no seu *Tratado em que se contem muito susinta e abreviadamente algumas contradições e diferenças de custumes antre a gente de Europa e esta provincia de Japão* de 1585²⁹. Segundo fontes ocidentais mesmo as comunidades cristianizadas do Japão continuavam a praticar este costume o que, segundo os europeus contrários à formação de religiosos japoneses foi um motivo em proveito da sua não admissão na Companhia de Jesus³⁰. No próprio *Vocabulario da Lingoa de Japam* encontramos vocábulos que invocam este costume, *Couo naganu* [子を流す] = “Botar a criança que não esta ainda bem coalhada no ventre” (*Vocabulario* 1603: fl. 52; COLLADO 2005a: 120), ou de *Couo vorosu* [子を墮ろす] = “Botar a molher a criança fora de tempo matandoa, &c” (*Vocabulario* 1603: fl. 283v; COLLADO 2005a: 120); na historiografia japonesa encontramos também inúmeros exemplos e explicações relativamente a esse costume. Este hábito acontecia principalmente em famílias muito pobres, as quais tinham dificuldade em sustentar muitos filhos. Desta forma, procurando obter uma maior qualidade de vida recorriam ao aborto, como forma de organizar a natalidade e o sustento familiar. Talvez, deste facto resultasse uma outra rotina que era a de eliminar os bebés do sexo feminino, por serem considerados socialmente inferiores aos do sexo masculino³¹.

Além do aborto e do infanticídio, também havia a questão do suicídio. O suicídio era visto como um acto de coragem e de honra. Quando os nobres importantes morriam era costume alguns dos seus criados suicidarem-se para os acompanharem no além-morte³². De uma maneira geral conviviam-se diariamente com a crueldade quer ela resultasse do suicídio quer das execuções³³. Muitas das crianças já carregavam consigo estas vivências, o que aos olhos dos padres, fazia deles pessoas sem compaixão pelas misérias alheias e necessidades do próximo: “Tambem vi alguns mininos do nosso seminario fazerem de çera corpozinhos de homens, e depois com os canivetes por recreação cortarlhe a cabeça, braços etc.”³⁴

A sodomia³⁵ era uma experiência frequente na sociedade seiscentista e setecentista. Luís Fróis descreve na *Historia de Iapam* como “corrente o vicio contra natureza em Japão” (FRÓIS IV, 1983: 455). No Vocabulario da Lingoa de Iapam podemos encontrar dois vocábulos que significam a união sexual entre indivíduos do mesmo sexo. O primeiro é *Nanxocu* [男色] “Peccado mau, ou nefando” (*Vocabulario* 1603: fl. 177v; COLLADO 2005b: 159), sendo o segundo *Nhacudō* [若道], o qual significa mais especificamente *Vacaxuno michi* [若衆の道], “Sodomia, ou peccado mau” (*Vocabulario* 1603: fl. 181v; COLLADO 2005b: 159). Os padres europeus, desde o início da sua presença no Japão, criticavam os *bonzos* por o praticarem com os jovens e meninos que estavam ao seu cuidado: “E como se não tem por disonhria, antes os Bonzos o vendião por virtude (segundo diziamos) elles mesmos sem nenhum pejo trazem consigo os moços que chamam Vacazu, com o cabelo comprido, e bem composto, e vistidos o melhor que podem”.

O hábito era particularmente usual não só entre estes religiosos mas também entre a classe guerreira japonesa e a elite governante. O *Nanxocu*³⁶ era um vínculo estabelecido entre os samurais, no qual alguns se comprometiam a lutar e a morrer juntos:

“Os Senhores principais do Japão todos tem algum, ou alguns pagens que lhe servem do mesmo, e os proprios se honrão de serem nomeados por tais: E o mesmo fazem os outros que tem criados, particularmente soldados”³⁷.

O próprio Oda Nobunaga mantinha uma relação homossexual com um seu criado de nome Mori Ranmaru [森蘭丸]. Este último acompanharia Nobunaga na luta contra o exército-rebelde de Aqechi Mitcufide [明智光秀] e por fim seguiu o seu chefe na morte no templo Fonnōji [本能寺] em 1582 (COLLADO 2005b: 161).

O caso de muitos dos dojucus antes de entrarem para a Companhia de Jesus terem convivido com os religiosos *bonzos* e praticado a sodomia levava a que os

padres votassem particular atenção para que dentro da Companhia de Jesus não acontecessem tais acções³⁸. Apesar da apertada vigilância, as fontes jesuíticas mais inconfindentes revelam-nos que esta tradição resistia em alguns japoneses que habitavam com os Jesuítas³⁹. Este costume estava de tal forma difundido, que no capítulo sexto do extracto das obediências dos Visitadores feito pelo padre Francisco Pasio⁴⁰, no ano de 1612, para os padres das Residências e mais padres do Japão são tomadas as seguintes medidas no intuito de debelar o costume:

“6. Os dojucus das casas grandes dormiram de ordinario todos juntos em huã casa acomodada pera isto, mas nas residencias dormirã cada hum em lugar distinto, e nenhum dormirã nos cubiculos dos padres nem dos Jrmãos, nem nas residencias nem nas jnacas e o mesmo se guardará com os comonos conforme a ordem que se deu o anno de 608.

7. Os dojucus que estiverem sos em hum cubiculo guardarão o costume da companhia de terem a porta ou xôgi aberto quando estiver algum dentro com elles, e se assi o não fizerem lhes tiraram cubículo”⁴¹.

De facto, o século XVI representou uma das etapas de mudança cultural. Ao usarmos o termo acomodação e cristãos japoneses, são conceitos que implicaram transformação. O querer ser aceite numa nova comunidade ou querer adotar uma nova religião implicou adaptações práticas, mantendo parte da essência primitiva de cada um dos sujeitos em ação. Portanto, há um processo de mestiçagem que começa e, decerto, subsistirá no tempo, apesar da perseguição e interdição do Cristianismo. Ainda que nos tenhamos debruçado sobre a construção social que os jesuítas fizeram deste povo, verificamos que acabaram gradualmente por impor hábitos, ritos e tradições que não mais mantêm nem a “pureza ocidental” nem a nipónica.

¹ Este trabalho conta com o apoio da FCT.

² Archivum Romanum Societatis Iesu (doravante ARSI), *Jap Sin* 2, Carta de Mateus de Couros para o Padre Geral Cláudio Acquaviva, Arima, 25 de Fevereiro de 1612, fls. 159-162. A carta não se encontra rubricada, porém, principalmente devido a alguns elementos biográficos no seu interior, acreditamos que a autoria desta missiva pertenceria a Mateus de Couros.

³ Literalmente significa “Bárbaros do Sul Sacerdotes”, entenda-se como “religiosos ocidentais”.

⁴ Sobre os Dáimios cristãos consulte-se OKADA 1977.

⁵ O primeiro dáimio japonês a ser baptizado no ano de 1563.

- ⁶ Bozu. Bono nuxi. “Religioso que tem sella propria, ou ermida. Item, Qualquer religioso, ou rapado” (*Vocabulario* 1603: fl. 24v).
- ⁷ “Neste anno de 1579 veio da China a Japão a nao de Leonel de Britto e em sua companhia o Padre Alexandre Valignano, de nação napolitano, por vizitador destas partes (...). Começou o P.e Vizitador a entender logo de propozito no modo de viver dos nossos nestas partes e conheceo, como a experiencia lhe mostrou, que estavam postos em huma continua peregrinação, cercados de perigos e dores da morte, porque, cada dia huma das rezidencias tem a seo cargo muitas igrejas e logares, era necessário andarem em continua peregrinação de hum logar para outro visitando as igrejas e os christãos, o que não hé pouco de trabalho (...). E como Japão hé tão revoltoso e cheio de guerras, nunca as couzas permanecem nelle em hum estado, antes em brevisimo tempo se revolvem e, pelos nossos estarem metidos em meio de muitos inimigos e perseguições que lhe fazem os bonzos e os gentios, não deixão de se ver muitas vezes em vários e diversos perigos” (Fróis III, 1982: 128-129).
- ⁸ Actual Quioto.
- ⁹ ARSI, *Jap Sin* 3, Carta do Padre Geral Everardo para o Padre Alexandre Valignano, Visitador, de 1578. Escrito na margem, fl. 2v.
- ¹⁰ ARSI, *Jap Sin* 2, Consulta [feita no Japão por Alessandro Valignano em 1580], fl. 19v.
- ¹¹ Esta situação manteve-se durante a presença jesuíta no Japão, mesmo na altura de perseguição. Apesar dos movimentos contrários à ordenação de padres japoneses e à formação de um clero nativo, continuaram a ser aceites nos Seminários jovens japoneses.
- ¹² ARSI, *Jap Sin* 2, fl. 20.
- ¹³ “Nao ha duvida senão que a boa criação que hum teve desde minino he grande fundamente pera o exercicio das virtudes, e ministerios que professa o estado da Religião. Dos Japões he manifesto que crião os filhos na mayor liberdade e soltura que nenhuã nação das que neste Oriente conhecemos. Porque a rédea solta os deixão seguir os appetites da natureza nem os doutrinão nas virtudes morais, nem os impedem dos vícios”. ARSI, *Jap Sin* 2, fl. 159.
- ¹⁴ ARSI, *Jap Sin* 2, folha solta.
- ¹⁵ “Primeiramente se atentamos a compreição corporal desta nação, parece que não tem aquel vigor, forças e calete [calo] que se requiere pera nosso Instituto não somente pera o exercicio das virtudes a que nossas regras nos obrigão; mas nem pera o trabalho na cultivação das almas avendo que proçeder nessa mesma cultivação com o zelo e devido exemplo e com o diligente cuidado de não deferir na propria perfeição, antes de creçer nella, conforme a obrigação do estado religioso”. ARSI, *Jap Sin* 2, fl. 159.
- ¹⁶ *Ibidem*.
- ¹⁷ “Este conceito de os Japões por serem fracos de compreição não poderem na guarda de nosso instituto igualarse aos de Europa, não somente he universal entre todos os Padres Europeus, que ca estamos; mas ainda elles proprios o confessão”. *Ibidem*.
- ¹⁸ “A primeira falta natural que podemos notar nesta nação, he sua grande inconstancia: a qual posto que o outro dizia que era comua aos Insularios: todavia aqui parece que reyna mais que em muitas outras partes. Porque ate os tempos são tão vazios, que por mais clara e serena que a menhã se veja, não nos podemos prometer tarde bonançosa. Não poucas vezes em hum momento se tolda o Ceo, e soçedem rijas tempestades. A mesma inconstancia se vê nos corações desta gente: donde naçe serem sobre maneira amigos de novidades. E daqui vem as revoltas e guerras que por tantas çentenas de anos correm em Japão. Por mais que appetção huã cousa depois de possuida, logo della se emfadão: tudo o que he continuado os emfastia”. ARSI, *Jap Sin* 2, folha solta.

- ¹⁹ *Ibidem.*
- ²⁰ *Ibidem.*
- ²¹ *Ibidem.*
- ²² *Ibidem.*
- ²³ “nacem os continuos repudios das molheres: os quais são aqui tantos, e tão comuns, que ia se tem por costume ordinário sem ser estranhado dos naturais”. *Ibidem.*
- ²⁴ ARSI, *Jap Sin 2*, fl. 160.
- ²⁵ *Ibidem.*
- ²⁶ *Ibidem.*
- ²⁷ “eu vi com meus próprios olhos em terras de gentios alguãs vezes que indo caminho alguns e achando no campo mortos enmortalhados em esteiras (porque a muitos há gente baixa os lançaõ assi sem sepultura) tirarlhe as mortalhas com alvoroço e alegria. E depois com grandes rizadas fazellos em postas por recreação, sem nenhum dos caminhantes que passavão, nisso reparar, por ser costume ordinário”. *Ibidem*, fls. 160-160v.
- ²⁸ “E com muita facilidade o filho matara ao Pay, se o Tono lho mandar, como fez Dom Paulo Xingadono tão nomeado nas anoveas antigas. E os Pais tambem matão os filhos, como estando eu em Firoxima fez Fucuximadono ao seu Morgado”. *Ibidem*, fl. 160v.
- ²⁹ “Em Europa, posto que o haja, não é frequente o aborcio das crianças; em Japão é tão comum, que há mulher que aborta vinte vezes” (FRÓIS 1993: 73).
- ³⁰ “He mui ordinário matarem as Mãys as crianças em naçendo pondo-lhe o pe no pescoço, ou esmaçandoas. E nem dentre os mesmos christãos podemos desterrar este diabolico costume: de alguã sei que matou mais de doze filhos, huns em naçendo, e outros abortando com certa erva que ca há”. ARSI, *Jap Sin 2*, fl. 160v.
- ³¹ “Veja-se, por exemplo, o trecho no livro intitulado Qinxei Qijin den [『近世畸人伝』] da autoria de Ban Coqei [伴嵩溪] publicado em 1790: “Finnin co amata aru monou, nochini sanxeru couo corosu” [貧人子あまたあるものは、後に産せる子をころす] (Os casais pobres que já têm muitas crianças matam aquelas que nascem posteriormente). Nixicaua Ioqen [西川如見] comenta no livro intitulado *Fiacuxo Bucuro* [『百姓囊』] publicado em 1727: ‘Couro xiguecu sansuru mono, fajime fitori futari sodaxi nureba, suyeyua mina fabucu to iyte, corosu coto vôxi, cotoni nhoxiua vôcata corosu narauaxino mura satomo ari’ [子を繋く産する者、初め二人育しぬれば、末はみな省くといひて、殺す事多し、殊に女子は大かた殺すならわしの村里もあり] (Aqueles que dão à luz crianças com frequência, acabando de criar satisfatoriamente a primeira e a segunda, matam muitas vezes aquelas que nascem posteriormente, dizendo ‘omiti-las’. Há umas povoações onde se tem por costume matar a maioria das meninas). Satô Nobufiro informa-nos na sua obra *Qeizai Yôrocu* publicada em 1827 que: ‘Imano yoni atarite, Mutçu, Deuano riôcocu bacari nitemo, acagouo insatçu suru coto, nen nen rocu, xichiman nin uo cudarazu’ [今の世に当て、陸奥・出羽の両国ばかりにてても、赤子を陰殺すること、年々六、七万人を下らず] (Neste período em que vivemos, só nos reinos de Mutçu e Deua – em quase toda a região nordeste da ilha Honshū – o número dos bebês que são mortos de maneira clandestina cada ano não é inferior a sessenta mil ou setenta mil)”. COLLADO 2005a: 122-123.
- ³² ARSI, *Jap Sin 2*, fl. 160v.
- ³³ “Menos ha de hum ano que morrendo o Pay do Yacata de Satçuma, se matarão asy mesmos rasgando as entranhas, como costumãos, dezaseis criados seus todos gente nobre pera o acompanharem na outra vida”. *Ibidem.*

- ³⁴ “Os Pays frequentemente levão ou mandão os filhos de tenra idade a ver matar os padeçentes. E ás vezes lhes fazem que dêm cutiladas nos corpos mortos com os leques, ou ter cadinhos que trahem logo desde crianças, pera com isto perderem o medo. Este espirito de crueldade que tanto nelles revive, he causa de não terem compaixão, nem inda dos que vêm matar, antes muitos se estão rindo dos meneos e esgares que lhes vêm fazer com a agonia e horas da morte, que padecem”. *Ibidem.*
- ³⁵ *Ibidem.*
- ³⁶ “Outro veio que geralmente tem contaminado esta nação, he o abominavel da sodomia. Ha mais de setecentos anos que esta peste e fogo infernal se começou a atear e lavar nesta terra, tendo o primeiro autor della certo Bonzo por no Côbô fuandador de huã seita chamada xingonjû, que passando a estudar à China trouxe de la esta diabólica torpeza: a qual esta aqui tão autorizada pelos proprios Bonzos assi per obra, pois elles são os principais que a usão, como per palavra, e escritos, que não somente a não tem por viçio, mas a apregoão por virtude”. *Ibidem.*
- ³⁷ “Nanxocu. Peccado mao, ou nefando”. *Vocabulario da Lingoa de Iapam*, fl. 177v. A título de exemplo, e para que possamos compreender a prática da sodomia como uma codificação de valores como a honra e a fidelidade, falaremos de um samurai no reino de Deva [出羽] de nome Codera Nobumasa [小寺信正] (1682-1754) escreve o seguinte na sua obra intitulada *Xigintçu* [『志塵通』] (cujo prefácio foi escrito no ano de 1724): “Vacocuno futo xite nanxocu sacarini voconauaru. Bexxite batmonno cotouo mochiyu. Macotouo camini coraxite xinjitno cocozaxiuo tate, carini qiodaito chicaite xixieuo tomo nisu. Xeiqenno voqiteni somuquni nitaredomo, vacocuno fugui ima sutçu beqini arazu. [...] Core bucocu furuqi fu naru yuye narubexi. Namajiino ricutçuuo tate nanxocuno michino rifiuo tçucuru coto aru becarazu. Xincocu motoyori ari qitareru fitotçuno comichi nareba, sono mucaxini naraito tasuqe vocu beqica. Yo tçuratçura vomôni, cono michini asobu fito, yuuo yaxinai buuo migacuno fitocata ni chicaxi” [和国の風として男色盛りに行わる、別て罰文の事をを用ゆ、誠を神にこらして真実の志を立、かりに兄弟と誓ひて死生を共にす、聖賢の迹に背くに似たれども、和国の風儀今すつべきにあらず (中略) 是武国古き風なる故なるべし、なまじいの理屈を立て男色の道の理非を付る事あるべからず、神国 もとよりあり来れる一つの小道なれば、其音にならひて助置べきか、予つらつら思ふに、此道に遊ぶ人、勇をやしなひ武を研のかたに近し: “O *Nanxocu* é um costume tradicional e antigo do Japão. Os samurais têm jurado ser pseudo-irmãos através de estreitos votos de amizade, os quais são um fruto deste costume. Comprometem-se a lutar juntos no campo de batalha e morrer, caso necessário, por amor do seu parceiro, o que fez com que o costume do *Nanxocu* fosse de grande utilidade, no sentido de fortificar o coração e a alma dos samurais. Mesmo que o costume de sodomia tivesse sido advertido no pensamento confucionista, não se deve de modo dogmático negá-lo”. COLLADO 2005b: fls. 161-162.
- ³⁸ ARSI, *Jap Sin* 2, fl. 161.
- ³⁹ “Daqui naçe o continuo cuidado, com que sempre andamos vigiando a estes dôjucus, e moços que temos em casa, e com tudo não de ca de aver muitas miserias pola natural inclinação que tem a este mal e he çerto que tanto ou por ventura mais move a hum Japão a vista de hum moço de bom parecer, do que a huã donzela”. ARSI, *Jap Sin* 2, fl. 161.
- ⁴⁰ “Os roins costumes que com o leite mamarão, as poucas ajudas que se lhe podem dar, as innumereveis occasiões em que andão metidos no trato com o proximo em casa e fora della”. *Ibidem.*
- ⁴¹ À época Visitador da Província de Japão.
- ⁴² Biblioteca da Ajuda, *Jesuítas na Ásia*, Códice 49-IV-66, fl. 44v.